



ISSN: 2230-9926

Available online at <http://www.journalijdr.com>

IJDR

International Journal of Development Research

Vol. 12, Issue, 07, pp. 57659-57662, July, 2022

<https://doi.org/10.37118/ijdr.24956.07.2022>



RESEARCH ARTICLE

OPEN ACCESS

ANÁLISE DA REPERCUSSÃO DA LINGUAGEM EM PACIENTES PEDIÁTRICOS COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA

Erika Magalhães Santos Gusmão¹, Ivan Gilson Silva Moura², Iago Oliveira Braga³, Diovanna Lima Silva³, Samia Cidreira Sufi³, Daniel Felipe Nobre Castiel⁴, Gabriel Felipe Vargas⁵, Marina Fagundes Paula⁶, Ana Beatriz Franco Arena⁷, Miguel Sinfrônio⁷, Lucas de Carvalho Ruas⁸, Ronaldo de Sousa Silva Junior⁹, Giovanna Silva Ramos¹⁰, Ianne Karoline Menezes Rolim¹¹, Karine Ribeiro Souza¹² and Wellington de Lima Pinto¹³

¹Autor Correspondente, Médico pela Faculdade Santo Agostinho-FASA, Vitória da Conquista-Bahia. ²Médico pela Universidade Estadual de Santa Cruz-UESC, Ilhéus-Bahia; Pós Graduado em Psiquiatria Facinepe; Membro Associado médico Aspirante da Associação Brasileira de Psiquiatria; Professor do curso de medicina da Faculdades Santo Agostinho-FASA, Vitória da Conquista-Bahia. ³ Discente do Curso de Graduação de Medicina da Faculdade Santo Agostinho-FASA, Vitória da Conquista-Bahia. ⁴ Discente do Curso de Graduação de Medicina da Universidade Salvador-UNIFACS, Salvador-Bahia. ⁵Discente do Curso de Graduação de Medicina do Centro Universitário Atenas-Uniatenas, Paracatu-Minas Gerais. ⁶ Discente do Curso de Graduação de Medicina do Centro Universitário de Patos de Minas-UNIPAM, Patos de Minas-Minas Gerais. ⁷Discente do curso de Graduação de Medicina do Claretiano Centro Universitário Rio Claro-São Paulo. ⁸ Discente do curso de Graduação de Medicina das Faculdades Unidades do Norte de Minas-FUNORTE, Montes Claros-Minas Gerais. ⁹Discente do curso de Graduação de Medicina da Universidade Estadual de Montes Claros-UNIMONTES, Montes Claros-Minas Gerais. ¹⁰ Bacharel em Fonoaudiologia pela Pontifícia Universidade Católica de Goiás-PUC Goiás, Goiânia-Goiás; Especialista em Análise do Comportamento Aplicada ao Autismo-ABA pela Faculdade Unyleya, Brasília-Distrito Federal; Especializanda em Psiquiatria e Saúde Mental da Infância e Adolescência-CBI of Miami-Rio de Janeiro-Rio de Janeiro. ¹¹ Médica pelo Centro Universitário Christus-Unichristus, Fortaleza-Ceará. ¹² Discente do Curso de Graduação de Medicina da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia-UESB. ¹³ Discente do Curso de Graduação de Medicina da Universidade Federal do Amapá-UNIFAP, Macapá-Amapá

ARTICLE INFO

Article History:

Received 11th April, 2022

Received in revised form

27th May, 2022

Accepted 06th June, 2022

Published online 28th July, 2022

Key Words:

Transtorno do Espectro Autista.
Linguagem. Pediatria.

*Corresponding author:

Erika Magalhães Santos Gusmão

ABSTRACT

O transtorno do espectro autista trata-se de uma condição diagnosticada já durante a infância, quando atrasos importantes no neurodesenvolvimento são perceptíveis pela própria família. Assim, é evidente a disfunção no campo da linguagem e interação social, além de prejuízo no contato físico que é pronunciado, aversão a barulhos e diminuição do contato visual. Nesse sentido, os interesses e atividades são particulares de cada indivíduo que apresenta tal transtorno, além de reproduzirem padrões repetitivos e restritivos. Dessa forma, o paciente que possui o transtorno do espectro autista apresenta dificuldade de se relacionar, já que é através da linguagem que expressamos emoções, sentimentos e pensamentos, estabelecendo assim a comunicação efetiva. Essa condição acomete mais o sexo masculino, mas a disfunção intelectual é mais pronunciada no sexo feminino. Além disso, diversas ferramentas terapêuticas podem ser utilizadas, dentre elas, atividades lúdicas, utilizando objetos com os quais a criança gosta; assuntos de interesse como cores, texturas, odores, aparelhos de tecnologia, podem gerar mais abertura para iniciar o contato; acompanhamento dos familiares e cuidadores é essencial durante as sessões. Tudo isso contribui para uma interação e socialização mais harmônica do paciente com sua família e com outras pessoas do convívio, facilitando assim as atividades do cotidiano como alimentação, higiene e educação.

Copyright © 2022, Erika Magalhães Santos Gusmão et al. This is an open access article distributed under the Creative Commons Attribution License, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the original work is properly cited.

Citation: Erika Magalhães Santos Gusmão, Ivan Gilson Silva Moura, Iago Oliveira Braga, Diovanna Lima Silva, Samia Cidreira Sufi et al. "Análise da repercussão da linguagem em pacientes pediátricos com transtorno do espectro autista", *International Journal of Development Research*, 12, (07), 57659-57662.

INTRODUCTION

A língua corresponde a um conjunto de palavras e regras, utilizada como meio de comunicação e de expressão entre uma comunidade linguística comum. Já a linguagem é o meio de combinar essas palavras de modo a ser usado e compreendido por essa comunidade. Através da linguagem que conseguimos expressar sentimentos, emoções e pensamentos, sendo um instrumento de comunicação entre aqueles que fazem seu uso (HOUAISS, 2009). A linguagem é caracterizada como um fenômeno de grande importância para demonstrar sentimentos e ideais (MINUZZI, 2016). Nesse contexto, o transtorno do espectro autista está intimamente associado ao neurodesenvolvimento da criança trazendo consequências persistentes na comunicação, na sua interação com o meio, nos seus padrões restritivos e repetitivos de comportamento, interesses ou atividades (MONTENEGRO *et al.*, 2021). O transtorno do espectro autista está sendo diagnosticado de forma mais recorrente nos últimos anos e de acordo os critérios diagnósticos, esse transtorno ocorre numa taxa de 8 a cada 10 mil crianças, sendo 4 vezes mais frequente em meninos, entretanto no sexo feminino a incapacidade intelectual se mostra mais frequente. O transtorno do espectro autista pode ser caracterizado atualmente pela presença de disfunções em alguns domínios, entre eles a comunicação social, comportamentos restritivos/repetitivos e desenvolvimento (SODOCK, 2018). A dificuldade da comunicação dos pais, familiares ou cuidadores com a criança são os primeiros sintomas identificados no transtorno do espectro autista. Essa condição gera preocupações acerca do comprometimento linguístico, uma vez que, causa atraso na aquisição e desenvolvimento da linguagem de modo recorrente (MONTENEGRO *et al.*, 2021).

No DSM-5, os critérios diagnósticos para o transtorno do espectro autista incluem deficiências na comunicação social e interesses restritos, que se apresentam na fase inicial do período evolutivo; entretanto quando surgem esses sinais nem sempre é feito o diagnóstico dessa condição, sendo feito tardiamente o diagnóstico, anos mais tarde (SODOCK, 2018). Tanto o desvio linguístico como o retardo no desenvolvimento da linguagem são características encontradas em subtipos mais agravantes do transtorno do espectro autista. Essas crianças possuem grandes dificuldades de organizar frases de forma inteligível, mesmo contendo um vocabulário amplo (SODOCK, 2018). A ausência ou atraso na aquisição de linguagem nos primeiros anos de vida de uma criança gera preocupações quanto ao seu desenvolvimento e pode sugerir diversas etiologias e condutas. Diante desse perfil de pacientes com necessidades complexas de comunicação, a interpretação de poucas produções é possível, mas tende a se restringir às vocalizações ininteligíveis, ações, gestos e expressões corporais. Isso repercute sobre a necessidade de mais referências para a interpretação, como símbolos gráficos (MAHDI, 2018). Um método para solucionar ou, ao menos, amenizar, o problema de comunicação em crianças com transtorno do espectro autista é o uso da comunicação aumentativa e alternativa. Trata de um modo versátil, voltado ao desenvolvimento de uma comunicação voltadas a técnicas, recursos e estratégias que facilitem a comunicação e interação de pessoas com necessidades comunicativas dificultadas, sendo esse método terapêutico aplicado de forma temporária ou permanentemente. (MONTENEGRO, *et al.*, 2021). Crianças que apresentam transtorno do espectro autista que não desenvolveram o processo de linguagem até o período de 12 a 18 meses de idade, despertam preocupações em médicos e familiares, pois pode gerar futuramente uma retração também no comportamento social. Além disso, quanto maior for o comprometimento cognitivo, maior será a tendência de isolamento e falha na comunicação (SODOCK, 2018). Nesse contexto, o comportamento social de crianças com transtorno do espectro autista, além do isolamento social, abrange entender a dificuldade de entender a intenção de outras pessoas. Considerando que a linguagem vai além de um produto estrito de aprendizagem, ela abrange uma interação na compreensão mútua, tanto na forma de expressão da criança para com os outros e destes com a mesma, formando assim uma rede de significação. Assim, tornam-se fundamentais meios de comunicação alternativa para a compreensão e expressão dessas crianças. Para isso

equipes de saúde devem estar preparadas para verificar a linha de base de habilidades da criança incluindo perfis de desenvolvimento, comunicação, motricidade e comportamento (MAHDI, 2018). Assim, tais pontuações justificam a importância da elaboração deste trabalho para a compreensão e busca de meios para solucionar ou ao menos amenizar os déficits atribuídos a essa problemática (BRASIL, 2012)

MATERIAIS E MÉTODOS

Foram utilizadas para a realização do presente trabalho e seleção dos artigos científicos as seguintes bases de dados: Electronic Library Online (SciELO) e Literatura Latino-americana e do Caribe em Ciências da Saúde (LILACS). Os Descritores em Ciências da Saúde (DeCS) utilizados foram: Transtorno do espectro autista, linguagem e pediatria. A presente pesquisa trata-se de uma revisão de literatura, exploratória, integrativa, a qual será elaborada de forma qualitativa, tendo em vista que o estudo tem como objetivo primordial compreender as dificuldades na comunicação com crianças autistas e sua repercussão na vida delas. Critérios de inclusão: foram utilizados para o presente trabalho como critérios de inclusão: artigos publicados até 2022; artigos publicados nas plataformas Lilacs e Scielo; artigos nos idiomas de português, espanhol e inglês; artigos disponíveis na íntegra; artigos que se adequem ao tema proposto por essa pesquisa. Critérios de exclusão: Foram considerados os seguintes critérios de exclusão: a) publicações que não se encontravam nas bases de dados Lilacs e Scielo; b) data de publicação anterior ao ano de 2022; c) estudos cujos resultados não se aplicavam aos objetivos desse estudo; d) artigos cujas leituras dos títulos e resumos não possuíam correlação ao tema do presente estudo; e) trabalhos científicos em idiomas diferentes do português, inglês e espanhol. Aspectos éticos: foram estabelecidos de acordo com o Comitê de Ética e Pesquisa (CEP) e se baseiam na não execução de plágios. Afim de evitar tal feito, os devidos meios de citação e referências necessários serão empregados. Por não consistir em uma pesquisa que envolva seres humanos, não há necessidade de submissão ao CEP.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Todas as etapas pré-linguísticas da aquisição da linguagem subjacentes e promovidas na interação social são competências necessárias para o envio de uma mensagem a um parceiro social (ZAQUEU *et al.*, 2015). O Transtorno do Espectro do Autismo (TEA) é classificado pelo DSM como um transtorno global do desenvolvimento, sendo caracterizado pelo desenvolvimento atípico na interação social, capacidade cognitiva e comunicação, e pela presença de um repertório restrito de atividades e interesses (FERREIRA, 2016). O TEA é caracterizado pelo comprometimento ou atraso em dois domínios importantes e interrelacionados: interações sociais e comunicação/linguagem. Nesse contexto, crianças com TEA apresentam graves alterações não só de linguagem, mas de comunicação, principalmente da comunicação não-verbal. Essas dificuldades são evidentes, ao nível da compreensão – no processamento da informação verbal e não-verbal, e também no nível da expressão – na utilização do gesto natural, do gesto codificado e da palavra para entrar em comunicação com o outro (ZAQUEU *et al.*, 2015). O transtorno do espectro autista (TEA) costuma comprometer o funcionamento adaptativo e desenvolvimento psicossocial na infância, dificultando as interações sociais dentro do vínculo familiar e nas instituições de ensino, principalmente. Em vista disso, especificamente no caso de crianças com sinais sugestivos de transtornos do espectro do autismo (TEA), equipes de saúde devem estar preparadas para verificar criteriosamente a linha de base de habilidades da criança incluindo os perfis de desenvolvimento, cognição, comunicação, sensorialidade, motricidade e comportamento (ZAQUEU *et al.*, 2015). Desde o nascimento da criança é essencial o monitoramento de diferentes indicadores do desenvolvimento nos aspectos de psicomotricidade, funções sensoriais, linguagem, comunicação, cognição e funcionamento sócio adaptativo. Decorrente desse monitoramento, poderão ser conduzidas estimulações precoces para a promoção de um desenvolvimento típico, detecção de fatores

de risco para problemas de desenvolvimento, assim como identificação de transtornos do neurodesenvolvimento para iniciar as respectivas intervenções precoces (ZAQUEU *et al.*, 2015). Para reforçar ainda mais a importância de uma assistência especial aos portadores de TEA, em 2012, no Brasil, foi promulgada a Lei nº 12.764, instituindo a “Política nacional de proteção dos direitos da pessoa com transtorno do espectro autista”, que considera a pessoa com TEA como deficiente para todos os efeitos legais. Tal política garante o acesso à educação e ao ensino profissionalizante e, quando comprovada a necessidade, o indivíduo com TEA terá direito a acompanhante especializado nas classes de ensino regular (FERREIRA, 2016). No que diz respeito aos direitos da pessoa com transtorno do espectro autista, existe a lei de nº 12.764, de 27 de dezembro de 2012, que institui a Política nacional de proteção dos direitos da pessoa com transtorno do espectro autista. Essa lei estabelece que são direitos dessas pessoas: dignidade - integridade física e moral, livre desenvolvimento da personalidade, segurança e lazer; proteção contra abuso e exploração; acesso a saúde de forma integral incluindo diagnóstico precoce, ainda que não definitivo, atendimento multiprofissional, nutrição adequada, medicamentos, informações que auxiliem no diagnóstico e tratamento; acesso: educação e ensino profissionalizante; moradia; emprego; previdência social e assistência social. Assim, entende-se que é indispensável o amparo às pessoas diagnosticadas com o TEA, em todos os âmbitos de sua vida, e estes direitos devem se fazer cumprir conforme a lei, no entanto, a realidade de muitas pessoas autistas é diferente. Nem sempre conseguem acesso a esses ambientes e recursos, tendo que recorrer a diversas instâncias jurídicas para alcançar amparo. Além disso, em relação aos aspectos educacionais, por exemplo, a falta de profissionais capacitados para conduzir o ensino a crianças com TEA ainda é grande. Não basta garantir o acesso ao ambiente escolar, é necessário oferecer condições para que essas crianças possam se desenvolver, ou seja, garantir sua inclusão (FERREIRA, 2016).

Dentro do contexto escolar, deve ser considerada a importância de identificar o processo de aprendizagem da criança autista e observar as dificuldades de comunicação e de atenção que o aluno demonstra, para desenvolver um sistema adequado de comunicação, que envolva conceitos de troca ou de causa e consequência insistentes no autista, com o objetivo de não só transmitir os conhecimentos, como também contribuir para o desenvolvimento pleno deste indivíduo. Além disso, há também outras dificuldades enfrentadas por crianças com autismo, visto que existem muitas barreiras atitudinais, constituídas por preconceitos, estigmas e mitos na sociedade e no meio escolar. Mesmo com campanhas, informações disponíveis, políticas e leis, sabe-se que essas barreiras perduram, dificultando a interação social e a formação dos sujeitos (ARAÚJO *et al.*, 2021). Assim, são muitas as dificuldades enfrentadas por pais e familiares de crianças autistas, desde a aceitação do diagnóstico até a constante movimentação em busca de assistência para oferecer os melhores tratamentos possíveis, para que seus filhos possam se desenvolver da melhor forma. Em meio aos conflitos de ordem psicológica e emocional, há sobrecarga física e financeira, além do estresse e das incertezas em relação ao futuro dos filhos e da família (MACHADO *et al.*, 2018). Infelizmente ainda há escassez de estudos que envolvem terapias para tratar pessoas com autismo, estimulando sua cognição, seus sentidos e seu comportamento, por exemplo, e ampliando suas capacidades, a fim de lhes oferecer melhor qualidade de vida e maior possibilidade de comunicação e interação. Foi realizado um estudo com indivíduos autistas praticando a musicoterapia, no intuito de adquirir a fala (no caso de autistas não verbais) e/ou melhorá-la. Como resultados, todos apresentaram melhora na linguagem e na comunicação, bem como nas questões comportamentais, psicossociais, cognitiva, musical e perceptivo/motora, e alcançava também outras áreas da vida. (GRANDIN, 2015). Foi realizado um estudo especializado, chamado de treinamento para mapeamento auditivo-motor, que utiliza um tambor afinado eletronicamente para estimular a produção de fala nos mesmos tons que o instrumento emite, sob condução do terapeuta. Realizado com crianças autistas não verbais, em idades entre 5 e 9 anos, durante um período de oito semanas, notou-se que houve melhoras significativas na capacidade de articular palavras e frases, até para itens que não eram praticados no treinamento.

(GRANDIN, 2015). Múltiplos mecanismos terapêuticos podem ser utilizados nas sessões com a criança autista, dentre eles, atividades lúdicas, utilizando objetos com os quais a criança tenha afinidade; assuntos de interesse como cores, texturas, odores, aparelhos de tecnologia, podem gerar mais abertura para iniciar o contato; acompanhamento dos pais, outros responsáveis e cuidadores é imprescindível durante as sessões, pois é através dessas informações transmitidas por estas pessoas que se complementa a estratégia terapêutica utilizada; estímulo à pronúncia de palavras soltas, dando sequência à formação de frases, pode produzir efeitos não só da criança conseguir formar frases, como também de verbalizar, produzindo falas espontâneas, por iniciativa própria. Tudo isso implica positivamente na interação e socialização com a família e com outras pessoas do convívio, facilita as práticas rotineiras de alimentação, higiene, educação, entre outras áreas. (MONTENEGRO *et al.*, 2021)

CONCLUSÕES

O transtorno do espectro autista é caracterizado por atrasos importantes do neurodesenvolvimento, sendo marcado pela disfunção da linguagem e interação social. Dessa forma, o paciente que possui o transtorno do espectro autista possui dificuldade de comunicação e relacionamento, tendo falhas na transmissão de emoções, sentimentos, pensamentos e vontades. Esse transtorno acomete mais o sexo masculino, apesar da disfunção neurocognitiva ser mais importante no sexo feminino. Nesse sentido, medidas como o desenvolvimento de atividades lúdicas e uma conversa em relação aos interesses do paciente podem gerar mais abertura para iniciar o primeiro contato, sendo necessário também o acompanhamento de familiares e cuidadores durante as sessões. Assim, isso contribuirá para uma interação e socialização mais satisfatória do paciente com o transtorno do espectro autista, facilitando o seu convívio com familiares, amigos e cuidadores, facilitando desta forma as atividades de vida diária desse paciente.

REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, Paulo Henrique et al. O autismo e a inclusão na educação infantil: estudo e revisão. *Brazilian Journal of Development*, v. 7, n. 2. Curitiba PR, 2021. Disponível em: <https://www.brazilianjournals.com/index.php/BRJD/article/view/25279/20153>.
- BOSA, C. A. Autismo: atuais interpretações para antigas observações. In C. R. Baptista & C. A. Bosa (Orgs.), *Autismo e educação: reflexões e propostas de intervenção*. Porto Alegre, Brasil: Artmed. pp. 21-39, 2002.
- BRASIL. Lei nº 12.764, de 27 de dezembro de 2012. *Institui a Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista*. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2012/lei/l12764.htm.
- BRASIL. Ministério da Saúde. Diretrizes de atenção à reabilitação da pessoa com transtornos do espectro do autismo TEA. 2012. Disponível em: <http://portal.saude.gov.br/404.htm>.
- CAMPELO, Lilian Dantas et al. Autismo: um estudo de habilidades comunicativas em crianças. *Revista CEFAC*. 2009. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rcefac/a/hQg8fHLVFBWCNmZgpNyVz9K/?lang=pt#>.
- FERREIRA, Jackeline Tuan Costa et al. Efeitos da fisioterapia em crianças autistas: estudo de séries de casos. *Cadernos de Pós-Graduação em Distúrbios do Desenvolvimento*, v. 16, n. 2, p. 24-32, 2016.
- GRANDIN, Temple; PANEK, Richard. O cérebro autista. (Tradução: Maria Cristina Torquillo Cavalcanti). Ed. Record, 1ª edição. 2015. Disponível em: <http://www.maosemmovimento.com.br/wpcontent/uploads/2019/04/TempleGrandin...pdf>.
- HOUAISS, Antônio. VILLAR, Mauro de Salles. *Minidicionário Houaiss da língua portuguesa*. Instituto Antônio H. de Lexicografia de Banco de Dados da Língua Portuguesa S/C Ltda. 3ª ed. rev. E aum. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

- KLIN, Ami. Autismo e síndrome de Asperger: uma visão geral. *Revista Brasileira de Psiquiatria*, 28, 3-11, 2006. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbp/a/jMZNbHcsndB9Sf5ph5KBYGD/abstract/?lang=pt>.
- MACHADO, Mônica Sperb et al. Tornar-se família de uma criança com transtorno do espectro autista. *Contextos Clínicos*, São Leopoldo, v. 11, n. 3, p. 335-350, dez. 2018. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1983-34822018000300006&lng=pt&nrm=iso.
- MAHDI, Soheil et al. An international clinical study of ability and disability in autism spectrum disorder using the WHO-ICF framework. *Journal of autism and developmental disorders*, v. 48, n. 6, p. 2148-2163, 2018.
- MONTENEGRO, Ana Cristina de Albuquerque (et al.). Contribuições da comunicação alternativa no desenvolvimento da comunicação de criança com transtorno do espectro do autismo. *Audiology - Communication Research (ACR)*. 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/acr/a/ZpKbgfnP8wH6k73HHHXS Kxd/?lang=pt>.
- MINUZZI, Crislaine; FACHIN, Paulo Cesar. *Estudo Sobre Língua e Linguagem: considerações*. 2016.
- SADOCK, Benjamin J.; SADOCK, Virginia A.; SUSSMAN, Norman. *Manual de farmacologia psiquiátrica de Kaplan & Sadock-6*. Artmed Editora, 2018.
- ZAQUEU, Livia da Conceição Costa et al. Associações entre sinais precoces de autismo, atenção compartilhada e atrasos no desenvolvimento infantil. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, v. 31, p. 293-302, 2015.
